

Conceitos fundamentais da psicanálise freudiana e sua sustentação empírica contemporânea

Fundamental concepts of Freudian psychoanalysis and their contemporary empirical support

Gustavo Borin

Psicanalista clínico, Brasil.

PUBLICADO 20 DEZ 2023

Os registros de tramitação editorial dos volumes 1 a 3 estão incompletos em razão de mudança na direção da revista. As datas de recebimento, revisão e aceite deste artigo não puderam ser recuperadas e, por isso, não são informadas.

RESUMO

Este artigo revisa quatro conceitos estruturantes da psicanálise freudiana — inconsciente, repressão, transferência e trabalho do sonho — e examina em que medida cada um deles encontrou, ao longo do século XX e início do século XXI, correspondência em programas de pesquisa empírica alheios à tradição psicanalítica. O percurso é duplo: reconstitui-se primeiro a formulação original de cada conceito no corpus freudiano, situando-a no momento clínico e teórico em que foi produzida; em seguida, confrontam-se essas formulações com achados da psicologia cognitiva, da neurociência do sono e da pesquisa em processo psicoterapêutico. Argumenta-se que a questão da cientificidade da psicanálise foi frequentemente mal colocada, por tratar o edifício freudiano como um bloco único a ser aceito ou rejeitado em conjunto, quando suas proposições possuem graus muito desiguais de testabilidade. Conclui-se que a convergência observada não valida retroativamente a metapsicologia, mas desloca o debate: não se trata de perguntar se a psicanálise é ciência, e sim quais de suas proposições são testáveis, por quais meios e com que consequências para a prática clínica.

Palavras-chave: Freud; inconsciente; repressão; transferência; epistemologia da psicanálise.

ABSTRACT

This article reviews four structuring concepts of Freudian psychoanalysis — the unconscious, repression, transference and dream-work — and examines to what extent each has found correspondence, throughout the twentieth and early twenty-first centuries, in empirical research programmes external to the psychoanalytic tradition. The path is twofold: the original formulation of each concept within the Freudian corpus is first reconstituted and situated in the clinical and theoretical moment of its production; these formulations are then confronted with findings from cognitive psychology, sleep neuroscience and psychotherapy process research. It is argued that the question of psychoanalysis's scientific status has often been poorly framed, treating the Freudian edifice as a single block to be accepted or rejected as a whole, when its propositions possess markedly unequal degrees of testability. The convergence observed does not retroactively validate metapsychology; it displaces the debate towards which propositions are testable, by what means, and with what consequences for clinical practice.

Keywords: Freud; unconscious; repression; transference; epistemology of psychoanalysis.

1 Introdução

Poucos corpos teóricos do século XX ocuparam posição tão ambígua no campo científico quanto a psicanálise. Simultaneamente incorporada ao vocabulário corrente das ciências humanas e recusada por setores expressivos da psicologia experimental, ela atravessou mais de um século sendo descrita ora como a mais consequente teoria da subjetividade já produzida, ora como um sistema interpretativo imune à refutação. Essa oscilação não é acidental: decorre, em boa medida, do modo como a própria questão

foi formulada. Tratou-se repetidamente de perguntar se a *psicanálise* — tomada como totalidade — seria ou não uma ciência, quando o conjunto que leva esse nome reúne proposições de naturezas muito distintas, que vão de hipóteses sobre o funcionamento da memória a construções especulativas sobre a origem da cultura.

O presente artigo parte de outra pergunta. Em vez de arbitrar sobre o estatuto global do edifício freudiano, propõe-se isolar quatro de seus conceitos mais operativos — o inconsciente, a repressão, a transferência e o trabalho do sonho — e examinar, para cada um, dois movimentos: como foi formulado por Freud, e o que programas de pesquisa posteriores, em geral conduzidos fora da tradição psicanalítica e muitas vezes sem intenção de dialogar com ela, encontraram a respeito dos fenômenos que esses conceitos pretendiam descrever.

A escolha dos quatro conceitos não é arbitrária. São eles que sustentam a prática clínica cotidiana: um analista que abandonasse simultaneamente a hipótese do inconsciente, a noção de defesa, o manejo da transferência e a escuta do sonho não estaria conduzindo uma análise sob outra orientação — estaria fazendo outra coisa. São também, dentre as proposições freudianas, aquelas cuja tradução em termos observáveis é menos distante, o que as torna candidatas naturais ao tipo de exame aqui proposto. Conceitos como pulsão de morte ou identificação primária, por mais centrais que sejam na economia teórica, não oferecem o mesmo ponto de contato com protocolos experimentais.

Cabe uma delimitação. Este artigo não sustenta que a convergência entre formulações freudianas e achados experimentais constitua validação da psicanálise. A relação é mais tênue e mais interessante do que isso. Quando a psicologia cognitiva descreve processamento não consciente, ela não está confirmando o inconsciente freudiano — está descrevendo um fenômeno parcialmente sobreposto, com outra extensão conceitual e outra finalidade explicativa. Reconhecer a sobreposição sem confundir os conceitos é a condição para que o diálogo seja produtivo em vez de apologético.

2 Método

Trata-se de revisão narrativa de literatura, de natureza teórico-conceitual. O corpus primário é constituído pelos textos freudianos em que cada conceito recebe formulação sistemática: os *Estudos sobre a histeria* (1895), *A interpretação dos sonhos* (1900), *A dinâmica da transferên-*

cia (1912), *Repressão e O inconsciente* (1915). O corpus secundário reúne trabalhos empíricos e revisões que, no período de 1987 a 2010, trataram diretamente dos fenômenos correspondentes — processamento não consciente, supressão voluntária de memória, mecanismos de defesa, contratransferência e neurofisiologia do sonho.

O critério de inclusão dos trabalhos secundários foi duplo: publicação em periódico com revisão por pares de circulação internacional ou obra de referência de editora universitária; e tratamento do fenômeno em termos operacionais, isto é, com definição de medida, não apenas em termos interpretativos. O critério de exclusão descartou textos de divulgação, comentários sem dados primários e trabalhos cuja referência à psicanálise fosse meramente ilustrativa.

Para cada conceito procedeu-se em três etapas: reconstituição da formulação freudiana em seus próprios termos; identificação do fenômeno observável que ela implica; e confronto com os achados disponíveis. A discussão final reúne os quatro casos e examina o que a comparação permite — e o que não permite — concluir.

3 Quatro conceitos e seus correlatos empíricos

3.1 O inconsciente

A hipótese do inconsciente é, para Freud, menos uma descoberta do que uma necessidade inferencial. O argumento de 1915 é explicitamente epistemológico: os dados da consciência são lacunares, e essas lacunas só se tornam inteligíveis se postularmos processos psíquicos que não são conscientes mas que produzem efeitos observáveis — atos falhos, sonhos, sintomas. O inconsciente freudiano não é, portanto, o conjunto do que não está presente à atenção num dado momento; é um sistema com leis próprias, regido por processo primário, sem contradição, sem negação e sem tempo.

Essa distinção é decisiva quando se examina o que a psicologia cognitiva veio a chamar de inconsciente cognitivo. A revisão de Kihlstrom (1987) estabeleceu que uma proporção substancial do processamento perceptivo, mnemônico e mesmo avaliativo ocorre fora do acesso introspectivo, e que esses processos influenciam julgamento e comportamento de modo mensurável. Os paradigmas de priming subliminar, de memória implícita em pacientes amnésicos e de aprendizagem de gramáticas artificiais forneceram evidência convergente nesse sentido.

O ponto a sustentar, porém, é de ordem conceitual. O inconsciente cognitivo é um inconsciente de *processo*: descreve operações que não são conscientes porque a arquitetura cognitiva não as torna disponíveis. O inconsciente freudiano é um inconsciente de *conteúdo* e de *conflito*: supõe representações que foram ativamente mantidas fora da consciência por uma força contrária. A primeira noção não implica a segunda. Sustentar que a pesquisa cognitiva confirmou Freud seria um salto indevido; sustentar que a tornou supérflua seria igualmente apressado, já que o fenômeno do recalque — tratado adiante — permanece fora do escopo dos paradigmas de priming.

3.2 A repressão

A repressão é definida em 1915 como operação cujo efeito consiste em manter afastado da consciência um representante pulsional cuja satisfação seria em si prazerosa, mas incompatível com outras exigências psíquicas. A formulação contém três elementos distinguíveis: a existência do conteúdo afastado, a continuidade de sua eficácia apesar do afastamento, e o caráter ativo e custoso da operação.

Por décadas, essa proposição foi apresentada como exemplar da irrefutabilidade atribuída à psicanálise. A objeção era razoável: se o sujeito recorda, não houve repressão; se não recorda, a repressão explica o esquecimento — e nenhum resultado contraria a hipótese. O trabalho experimental de Anderson e Green (2001) alterou os termos desse debate ao construir um paradigma em que a supressão é instruída e seus efeitos medidos. No procedimento think/no-think, participantes aprendem pares de palavras e são depois instruídos a evitar que o segundo termo venha à mente quando apresentado o primeiro. O achado central é que a evocação posterior dos itens suprimidos fica significativamente abaixo da linha de base, e que o efeito cresce com o número de tentativas de supressão.

Esse resultado não é a repressão freudiana. A supressão experimental é consciente, instruída e opera sobre material neutro; a repressão é inconsciente, não instruída e opera sobre material conflitivo. O que o paradigma estabelece é algo mais modesto e mais sólido: que existe um mecanismo de controle executivo capaz de reduzir a acessibilidade de conteúdos mnemônicos, e que esse mecanismo deixa traço mensurável. A proposição freudiana de que o psiquismo dispõe de meios ativos para afastar representações deixa, com isso, de ser inverificável em princípio.

Em registro distinto, a investigação longitudinal de Vailant (1992) sobre mecanismos de defesa mostrou que é

possível classificar defesas de modo confiável a partir de material biográfico, que a classificação apresenta concordância aceitável entre avaliadores independentes e que a hierarquia resultante — de defesas imaturas a maduras — prediz indicadores de ajustamento ao longo de décadas. Trata-se de evidência de outra natureza, correlacional e não experimental, mas que incide sobre a mesma família de proposições.

3.3 A transferência

Em 1912 Freud descreve a transferência como deslocamento, sobre a pessoa do analista, de disposições afetivas constituídas em relações anteriores. A formulação contém uma afirmação forte: esses deslocamentos não são ruído a ser eliminado, mas o próprio material da análise, já que tornam presente na sala aquilo que o relato não alcança.

A pesquisa em processo psicoterapêutico abordou a questão por um ângulo deslocado, o da contratransferência. Gelso e Hayes (2007) sistematizaram três décadas de investigação e estabeleceram que reações pessoais do terapeuta ao paciente são regulares, mensuráveis por relato e por observação externa, e que seu manejo — não sua ausência — se associa a desfecho. A direção do efeito importa: contratransferência não reconhecida associa-se a pior desfecho; contratransferência reconhecida e utilizada, a melhor.

Há aqui a convergência mais direta entre os quatro casos examinados. A tese freudiana de que a relação terapêutica é ela própria instrumento, e não apenas condição de possibilidade do tratamento, encontrou formulação operacional e sustentação empírica — inclusive em abordagens que não partilham nenhum outro pressuposto psicanalítico. A aliança terapêutica tornou-se, de resto, um dos preditores de desfecho mais robustos de toda a pesquisa em psicoterapia, independentemente de orientação.

3.4 O trabalho do sonho

A *interpretação dos sonhos* propõe que o sonho é realização disfarçada de desejo e descreve as operações que produzem o disfarce: condensação, deslocamento, consideração à figurabilidade e elaboração secundária. O conteúdo manifesto é o produto final; o conteúdo latente, o que a interpretação busca reconstruir.

A descoberta do sono REM em 1953 e, sobretudo, o modelo de ativação-síntese proposto nos anos 1970 pareceram tornar essa construção obsoleta: se o sonho resulta da tentativa cortical de dar forma a disparos pontinos aleató-

rios, não há desejo a disfarçar nem sentido a decifrar. A objeção dominou a discussão por cerca de duas décadas.

O trabalho de Solms (2000) reabriu a questão a partir de material neuropsicológico. Com base em séries de pacientes com lesões focais, Solms mostrou que sonho e sono REM são dissociáveis: lesões na ponte abolem o REM sem abolir o sonhar, enquanto lesões na substância branca frontal ventromesial — via dopaminérgica mesocortical-mesolímbica — abolem o sonhar com REM preservado. A inferência é que o sonhar depende de circuitos motivacionais, não do gerador do REM.

Esse achado não restitui a teoria freudiana do sonho em seus termos. Não há, na neuropsicologia, qualquer correspondente de censura onírica ou de conteúdo latente, e a tese de que todo sonho realiza um desejo permanece sem sustentação. O que o achado estabelece é que o sonhar está ancorado em sistemas de motivação e apetência, o que torna menos implausível a intuição de que sonhos têm relação com desejo — uma reabilitação parcial e metodologicamente cautelosa, que convém não exagerar.

CONCEITO	FORMULAÇÃO FREUDIANA	CORRELATO INVESTIGADO	ALCANCE DA CONVERGÊNCIA
Inconsciente	Sistema com leis próprias, inferido a partir de lacunas da consciência (1915)	Processamento não consciente; memória implícita (Kihlstrom, 1987)	Parcial. Sobreposição de extensão, não de natureza: processo <i>versus</i> conflito
Repressão	Afastamento ativo de representante pulsional incompatível (1915)	Supressão executiva de memória (Anderson & Green, 2001); defesas (Vailant, 1992)	Parcial. Estabelece a possibilidade do mecanismo, não sua motivação inconsciente
Transferência	Deslocamento de disposições afetivas sobre a figura do analista (1912)	Contratransferência e aliança terapêutica (Gelso & Hayes, 2007)	Alta. Operacionalização direta e replicada, com efeito sobre desfecho
Trabalho do sonho	Realização disfarçada de desejo por condensação e deslocamento (1900)	Dissociação entre sonhar e sono REM (Solms, 2000)	Baixa. Sustenta a ancoragem motivacional; nada sobre conteúdo latente

Tabela 1 — Síntese do confronto entre formulação freudiana e evidência empírica para os quatro conceitos examinados. A coluna de alcance registra o grau de correspondência sustentável, não o grau de confirmação da teoria.

4 Críticas e controvérsias

A objeção epistemológica mais citada é a de Popper (1963), para quem a psicanálise falharia no critério de falseabilidade: nenhum comportamento observável seria incompatível com suas hipóteses, de modo que a aparente capacidade explicativa universal seria sinal de fraqueza, não de força. A crítica de Grünbaum (1984) é, no entanto, mais incisiva, porque internalista. Grünbaum concede que teses psicanalíticas são falseáveis em princípio e sustenta que o problema reside no método: o material clínico é epistemicamente contaminado pela sugestão, de modo que a concordância do paciente com uma interpretação não pode valer como evidência a seu favor.

O exame aqui proposto responde parcialmente a ambas. Responde a Popper na medida em que ao menos três dos quatro conceitos deram origem a predições testadas e, em dois casos, a resultados que poderiam ter saído em sentido contrário. Responde a Grünbaum na medida em que a evidência mobilizada não provém do setting analítico, e portanto não está sujeita ao argumento da sugestão. O que o exame *não* responde é a questão de fundo: nada do que foi examinado sustenta a metapsicologia, isto é, o aparato

de instâncias, energias e economias que organiza a teoria freudiana em sistema.

Permanecem igualmente em aberto as objeções clínicas. A ênfase freudiana sobre os primeiros anos de vida como determinantes da organização psíquica adulta foi contestada por pesquisa sobre plasticidade e sobre trajetórias de desenvolvimento, que documentam reorganizações substantivas ao longo do ciclo vital. E as teses sobre sexualidade infantil e complexo de Édipo, cuja centralidade teórica é inegável, continuam entre as de mais difícil tradução em termos observáveis.

5 Desenvolvimentos pós-freudianos

A psicanálise posterior a Freud não se organizou como ampliação cumulativa de um núcleo estável, mas como conjunto de reformulações frequentemente incompatíveis entre si. Klein (1946) deslocou o eixo da teoria para as relações de objeto precoces e para mecanismos — identificação projetiva, posições esquizoparanoide e depressiva — que supõem vida fantasmática anterior à linguagem. Lacan (1953) operou movimento em sentido oposto, subordinando o inconsciente à estrutura da linguagem e reorientando a prática para a enunciação do sujeito. Kernberg (1984) integrou teoria das relações de objeto e psicologia

do ego para construir um modelo de organização de personalidade com critérios diagnósticos operacionalizáveis.

Esse último desenvolvimento merece registro específico, por ter produzido a ponte mais consequente entre psicanálise e pesquisa empírica. A derivação de tratamentos manualizados a partir de modelos psicodinâmicos tornou possível submetê-los a ensaios controlados. A meta-análise de Leichsenring e Rabung (2008) sobre psicoterapia psicodinâmica de longa duração em transtornos complexos, e a revisão de Shedler (2010) sobre a eficácia da terapia psicodinâmica, estabeleceram tamanhos de efeito comparáveis aos de abordagens com tradição experimental mais antiga, com indicação de manutenção e mesmo de ampliação dos ganhos após o término.

6 Considerações finais

O percurso realizado permite três conclusões de alcance distinto.

A primeira é que a pergunta sobre a cientificidade da psicanálise, formulada em bloco, é mal posta. Os quatro conceitos examinados apresentam graus muito desiguais de correspondência com evidência externa — alta no caso da transferência, baixa no caso do trabalho do sonho — e qualquer veredicto global obscurece essa desigualdade. A pergunta produtiva é analítica: quais proposições são testáveis, por quais meios, e o que decorre de cada resultado.

A segunda é que convergência não equivale a confirmação. Que a psicologia cognitiva descreva processamento não consciente não valida o inconsciente freudiano, cujo núcleo — o conflito — permanece fora do alcance dos paradigmas disponíveis. Tratar convergência como validação é erro de leitura que desserve a psicanálise, por substituir discussão conceitual por legitimação emprestada.

A terceira é que o valor clínico dos conceitos não está indexado ao seu estatuto epistemológico. A transferência é instrumento de trabalho eficaz independentemente da sorte da metapsicologia; a escuta do sonho produz efeitos clínicos documentáveis independentemente de o sonho realizar ou não um desejo. Essa autonomia relativa não é privilégio da psicanálise — boa parte da prática médica operou por séculos com mecanismos de ação desconhecidos — mas convém enunciá-la com clareza, para que a defesa da clínica não dependa de vitórias epistemológicas que ela não precisa obter.

Resta, como agenda, o trabalho de tradução. Entre o vocabulário freudiano e o das ciências empíricas há distância

que não se vence por analogia. Cada conceito exige investigação específica sobre o que, exatamente, nele é passível de operacionalização e o que permanece irredutivelmente interpretativo. Esse trabalho, mais lento e menos vistoso do que a disputa sobre cientificidade, é o que pode sustentar um diálogo em que nenhuma das partes precise abdicar de seus critérios.

Declarações

Conflito de interesses. O autor declara não haver conflito de interesses.

Financiamento. A pesquisa não recebeu financiamento específico de agências públicas, comerciais ou sem fins lucrativos.

Uso de inteligência artificial. Não foi utilizada inteligência artificial generativa na concepção, na redação ou na análise do conteúdo deste artigo.

Disponibilidade de dados. Não se aplica: trata-se de revisão de literatura, sem produção de dados primários.

Nota editorial. Este artigo integra o acervo reorganizado dos volumes 1 a 3 da *Interapia*. O texto foi editorialmente adequado às normas vigentes da revista quanto a estrutura, registro e normalização de referências, sem alteração de tese, argumento ou atribuição de autoria.

Referências

- ANDERSON, M. C.; GREEN, C. Suppressing unwanted memories by executive control. *Nature*, v. 410, n. 6826, p. 366-369, 2001.
- BREUER, J.; FREUD, S. *Estudos sobre a histeria* (1893-1895). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 4-5. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 117-231.
- FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 109-119.
- FREUD, S. A repressão (1915). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 147-162.
- FREUD, S. O inconsciente (1915). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 165-222.

- GELSO, C. J.; HAYES, J. A. *Countertransference and the therapist's inner experience: perils and possibilities*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2007.
- GRÜNBAUM, A. *The foundations of psychoanalysis: a philosophical critique*. Berkeley: University of California Press, 1984.
- KERNBERG, O. F. *Severe personality disorders: psychotherapeutic strategies*. New Haven: Yale University Press, 1984.
- KIHLSTROM, J. F. The cognitive unconscious. *Science*, v. 237, n. 4821, p. 1445-1452, 1987.
- KLEIN, M. Notes on some schizoid mechanisms. *International Journal of Psycho-Analysis*, v. 27, p. 99-110, 1946.
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 238-324.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEICHSENRING, F.; RABUNG, S. Effectiveness of long-term psychodynamic psychotherapy: a meta-analysis. *JAMA*, v. 300, n. 13, p. 1551-1565, 2008.
- POPPER, K. R. *Conjecturas e refutações*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- SHEDLER, J. The efficacy of psychodynamic psychotherapy. *American Psychologist*, v. 65, n. 2, p. 98-109, 2010.
- SOLMS, M. Dreaming and REM sleep are controlled by different brain mechanisms. *Behavioral and Brain Sciences*, v. 23, n. 6, p. 843-850, 2000.
- VAILLANT, G. E. *Ego mechanisms of defense: a guide for clinicians and researchers*. Washington: American Psychiatric Press, 1992.

COMO CITAR

BORIN, G. Conceitos fundamentais da psicanálise freudiana e sua sustentação empírica contemporânea. *Interapia — Revista de Clínica, Cultura e Ciências Mentais*, v. 1, n. 1, p. 5-11, 2023.

LICENÇA

Publicado em acesso aberto sob licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional. O autor mantém os direitos sobre a obra e concede à revista o direito de primeira publicação.